

\_\_\_\_\_ DOSSIÊ: \_\_\_\_\_

**EXÍLIOS: ETNOGRAFIAS DE  
CAMPOS DE REFUGIADOS  
PALESTINOS NO LÍBANO**



PAULO GABRIEL HILU DA ROCHA PINTO  
E GISELE FONSECA CHAGAS

## APRESENTAÇÃO

A questão dos refugiados palestinos constitui um dos dramas políticos mais perenes dos séculos XX e XXI, tendo sido produzido a partir de 1948 pelo próprio conflito que levou à criação do Estado de Israel e a destruição da unidade territorial e social da Palestina; o que é conhecido em árabe como *Nakba* (Catástrofe). Fugindo do conflito ou sendo expulsos de suas casas pelas forças sionistas, cerca de 70% da população palestina instalou-se nos países limítrofes, tais como Jordânia, Líbano, Síria e Egito<sup>1</sup>. Aqueles que tinham posses e/ou conexões familiares puderam integrar-se às sociedades de acolha; já aqueles que não possuíam essas opções foram gradativamente assentados em campos de refugiados cujo caráter provisório foi desmentido pela sua permanência até os dias de hoje.

Impedidos de voltar às suas casas e propriedades pelo Estado de Israel, os refugiados palestinos são o produto do que Ilan Pappé definiu como a “limpeza étnica da Palestina”<sup>2</sup>, e são frequentemente definidos como estando em uma situação liminar de “não-lugar” (Augé, 1994)<sup>3</sup>, a qual seria definida pela contradição inscrita na sua condição de eternos refugiados que não possuiriam mais seu pertencimento de origem nem pertenceriam plenamente à sociedade onde vivem. Em nenhum

<sup>1</sup> A população árabe da Palestina, tanto cristã quanto muçulmana, era de cerca de 1 milhão de pessoas em 1948. A população total da Palestina era de 1 milhão e 500 mil pessoas, com cerca de 500 mil judeus.

<sup>2</sup> PAPPE, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. London: OneWorld, 2006.

<sup>3</sup> AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução à uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994 (Coleção Travessia do Século).

lugar essa condição seria mais dramaticamente expressa que no Líbano, onde os refugiados palestinos são sistematicamente excluídos do mercado de trabalho através de uma série de leis discriminatórias. No entanto, como mostram as etnografias reunidas neste dossiê, o pertencimento identitário dos refugiados a uma Palestina perdida e a frequente rejeição que enfrentam nas sociedades de acolhida não impedem que suas experiências biográficas e coletivas sejam efetivamente criadas e moldadas no local onde vivem e, frequentemente, nasceram.

Assim, os textos aqui reunidos trazem novos olhares para a condição dos refugiados palestinos no Líbano, sendo o produto de etnografias feitas por pesquisadores brasileiros ao longo da última década. Essas etnografias somam-se a uma bibliografia já existente sobre imigrantes e refugiados palestinos no Brasil, como mostram os trabalhos de Denise Fagundes Jardim (2000) sobre a imigração palestina para o Chuí no período posterior a criação de Israel e o processo local e transacional de construção de uma identidade étnica palestina; o de Roberta Peters (2006), que reflete sobre o papel das festas de casamento e dinâmicas familiares como mecanismos de recriação de uma etnicidade palestina no sul do país; além das etnografias de Sônia Cristina Hamid (2012) e Daniele Regina Abilas Prates (2012) que examinam os processos e nuances que envolveram o reassentamento de refugiados palestinos oriundos do Iraque, no Brasil a partir de 2007. A discussão proposta por Sônia Cristina Hamid analisa os processos, as relações e os diferentes atores nacionais e internacionais (Estado Brasileiro, refugiados, ONGs, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, dentre outros) envolvidos na gestão dos refugiados palestinos no Brasil; já o trabalho de Daniele Regina Abilas Prates aborda os processos de deslocamento e de recriação de conexões transnacionais através de redes familiares entre palestinos reassentados em Mogi das cruces (SP) e aqueles do campo de Burj al-Barajneh no Líbano<sup>4</sup>.

O primeiro artigo que compõe este dossiê sobre as diferentes dinâmicas que envolvem a construção das identidades palestinas em campos de refugiados no Líbano é o da historiadora palestino-libanesa Jihane Sfeir.

<sup>4</sup> JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade*. Chuí/RS. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2000. PETERS, Roberta. *Imigrantes Palestinos. Famílias Árabes. Um Estudo Antropológico sobre a Recriação das Tradições através das Festas e Rituais de Casamento*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

HAMID, Sônia Cristina. (Des)Integrando Refugiados: Os Processos do Reassentamento de Palestinos no Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

PRATES, Daniele Regina Abilas. *O Fio de Ariadne: deslocamento, heterotopia e memória entre refugiados palestinos em Mogi das Cruzes, Brasil, e Burj al-Barajneh, Líbano*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

Localizando sua análise nos primeiros anos do exílio palestino em território libanês (1947-1952), a autora aborda os processos históricos que envolveram as construções e definições físicas e simbólicas das fronteiras entre a Palestina, sob Mandato Britânico e depois sob controle israelense, com o Líbano – país internamente marcado pelo confessionalismo religioso. Jihane Sfeir aponta para os efeitos desses processos nas construções identitárias palestinas e libanesas, acentuando a gradativa mudança nas relações entre ambos, sobretudo em relação às medidas institucionais tomadas pelo Estado libanês para com a população palestina vivendo no seu território.

Os outros três artigos que seguem à discussão tecida por Jihane Sfeir são frutos de etnografias conduzidas por pesquisadores brasileiros em diferentes campos de refugiados palestinos no Líbano. Com o título “Habitar um campo de refugiados palestinos: o caso de Beddawi, Norte do Líbano”, Amanda Dias examina a condição de “ser refugiado palestino” no campo de Beddawi, o qual foi criado em 1955 pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados no Oriente Próximo e que recebeu diversas levas de refugiados nos anos posteriores, ampliando sua extensão e complexidade interna. Com a proposta de compreender os sentidos de “habitar no campo”, perspectiva que inclui as dinâmicas e dramas que se articulam às tentativas de transformação do campo de refugiados de espaço “indesejável” a um lugar de intimidade, de “lar”, a autora vai além de abordagens que retratam campos de refugiados como um espaço estático, ora concebidos apenas como áreas de pobreza, com os palestinos destituídos de qualquer agência, ora como “ilhas de palestinidade” destacadas da sociedade libanesa mais ampla. A autora conclui chamando atenção para as fragilidades que envolvem os refugiados palestinos em campos como o de Beddawi, ressaltando, ao mesmo tempo, que a fabricação da vida cotidiana nos campos faz com que tanto os palestinos quanto os próprios campos em que habitam tenham uma história para além de sua função política.

Já o artigo seguinte, de autoria de Leonardo Schiocchet, analisa a dimensão coletiva do que o autor conceitua como a “hiperexpressão identitária palestina” no campo de refugiados palestinos de al-Jalil, a qual circunscreve o pertencimento social dos palestinos e marca a vida cotidiana local. Através de um vívido relato etnográfico que demonstra como, na maior parte do tempo, os palestinos vivendo em al-Jalil refletiam e discutiam sobre suas condições sociais, o modelo analítico proposto pelo autor articula as formas como práticas e símbolos relacionados à causa palestina eram mobilizados pelos diferentes atores sociais sob distintas agendas políticas e religiosas. Práticas sociais e símbolos produzem, assim, uma ritualização

da própria vida cotidiana no campo, o que marcou, inclusive, a condução do trabalho de campo do autor.

O último texto que finaliza o presente dossiê, de Gustavo Barbosa, dialoga com as especificidades do fazer etnográfico em contextos politicamente insustentáveis como os que envolvem os campos de refugiados no Líbano. O autor nos apresenta uma reflexão sobre os limites que o treinamento profissional do antropólogo que “vai a campo” munido de teorias e métodos de pesquisa encontra em situações de conflito, dor e perda, tendo que reelaborar suas questões e métodos de pesquisa de forma não previstas. Tendo como base seu trabalho de campo em Chatila, um campo de refugiados criado em 1949 e marcado por uma história de perdas e massacres, como o de 1982 e o da Guerra dos Campos em 1985, Gustavo Barbosa chama atenção para o fato das identidades e memória dos palestinos locais serem produzidas discursivamente e ritualmente pelos seus habitantes, sobretudo através das lideranças e patriarcas que narram a história do campo e da Palestina no pós-1948. É participando nos eventos do campo e celebrando seus mortos, por exemplo, que a juventude de Chatila aprende sobre a história da diáspora palestina no Líbano, a qual é obliterada nos livros escolares. Assim, é através das diversas formas de pertencimento religioso, familiar, de gênero e de acesso a recursos, dentre outros, que devemos entender as especificidades da vida em Chatila.

Os textos reunidos neste dossiê objetivam, portanto, oferecer ao leitor um conjunto de reflexões teóricas e empiricamente embasadas sobre os processos históricos e as dinâmicas que envolvem as vidas de palestinos em campos de refugiados no universo político e cultural libanês. Essas reflexões têm sua importância ampliada pelo próprio drama humano e político da situação dos palestinos, que em breve entrarão na sua sétima década de exílio forçado.